



p. 4 e 5

VIDAS QUE DÃO VIDA

Eis-me aqui, envia-me. É esta a resposta de Isaías (6,8) à voz do Senhor. Há 40 anos, foi também esta a resposta do P. Stanislaw Olesiak. Aos 27 anos de idade ficava para trás a sua querida Polónia para se deixar encantar pela missão em Angola. Naquela época, a situação política era muito tensa em terras angolanas. No entanto, o sonho do jovem missionário voava mais alto e começavam a ser escritas páginas de entrega, alegrias... e lágrimas.

Passaram 40 anos. Hoje o P. Stanislaw Olesiak encontra-se numa cadeira de rodas... a viver a missão. Tal como em Angola a sua vida foi tecida com outras vidas, também agora outras vidas dão vida. Rostos, histórias... os santos da porta ao lado!

INFORMAÇÃO AOS NOSSOS LEITORES

Ficamos contentes por chegar às vossas mãos. Agradecidos porque nos acolhem; felizes por encontrá-los.

É nosso dever pedir-vos desculpa. Devido à situação criada à volta da pandemia, optámos pela não edição em papel de *Contacto svd* de março/abril. Recorremos à internet para pôr online parte daquela edição em www.verbodivino.pt.

Notarão, agora, que *Contacto svd* de maio/junho emagreceu. Chegou-nos a informação que não havia matéria para o espaço *Missão por cá*. Decidimos, mesmo assim, avançar com a publicação, tendo necessariamente de fazer algumas adaptações. Assim, não irão encontrar a rubrica *Missão por cá*. Por outro lado, algumas colaborações surgem em espaços não habituais.

A todos os leitores, o nosso pedido de desculpas. Agradecemos a vossa compreensão.

p. 7

ALARGANDO O CÍRCULO

A partir de caminhos percorridos e dos desafios que a diversidade de situações vai apresentando, o Vice-Geral da Congregação do Verbo Divino vem dizer-nos que *precisamos alargar o círculo das nossas relações interpessoais, criando sociedades mais inclusivas e abertas.*

O Evangelho fala de dinâmismos de conversão para que em nós aconteça a vida segundo os critérios do Reino de Deus.

p. 3

UMA PRIMEIRA 'EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA'

Hospital de Santa Maria, Lisboa. Os primeiros passos de um jovem médico em tempos do *coronavírus*. Expetativas e o confronto com a realidade.

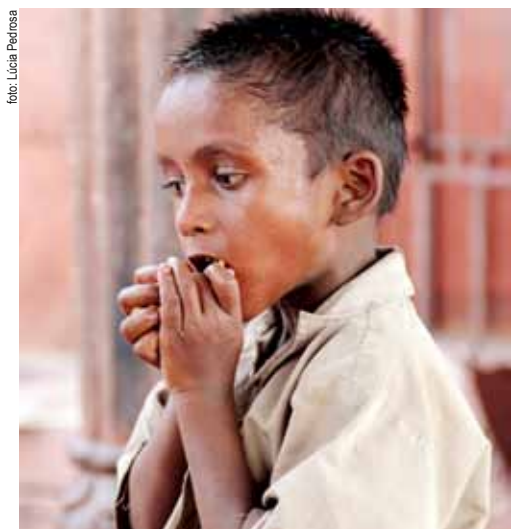
É a voz deste médico a dizer-nos que *a força que brota da oração também tem mantida viva a nossa esperança e a nossa resiliência para combater este inimigo invisível. Acreditar e manter a chama acesa é algo que nos deve iluminar nesta 'noite' que ninguém esperava, mas que há muito era expectável.*

p. 6

A AÇÃO HUMANA MAIS MORTÍFERA QUE A PANDEMIA

Quantas coisas vão sucedendo nestes tempos em que nos encontramos na luta contra a pandemia!

Chega-nos do Japão uma reflexão oportuna e atenta sobre realidades gritantes causadas pela ação e cumplicidade humana. Quem se lembra dos milhões de pessoas que morrem de fome? Das vítimas dos conflitos armados? Das crianças desnutridas?...



Será que a fortíssima experiência traumática desta pandemia fará despertar em nós uma maior sensibilidade ao sofrimento quotidiano de milhões de pessoas?

PENSAMENTO

S. Arnaldo Janssen

Recorramos sempre à oração, a chave de todas as graças.

A ANINHAS PADEIRA E O PÃO NOSSO DE CADA DIA

JOSÉ MARIA CARDOSO
Superior Provincial



Na oração do PAI-NOSSO, depois de nos ter ensinado a pedir o Reino e a fazer a vontade de Deus, Jesus ensina-nos a pedir o pão nosso de cada dia. Jesus bem sabia que era melhor pedirmos só o pão para cada dia: o de ontem já está duro e o de amanhã ainda é só farinha. Ora, na minha terra, as mãos de Deus, para o pão de cada dia, eram as da Aninhas Padeira. Quando se acordava de manhã, o pão já estava à porta. A Aninhas saía de madrugada, com o cesto do pão à cabeça, e ia cumprindo, de casa em casa, a dádiva do pão pedido. Todos conheciam a Aninhas Padeira. Até os cães, se por descuido lhe ladravam, confundindo-a com algum intruso, caudavam logo, envergonhados, um pedido de desculpas. Ela era uma mulher-masseira que realizava todas as manhãs o milagre da multiplicação. Mais, era uma mulher-anjo. Embora não se vissem, ninguém duvidada que a Aninhas tinha alguma espécie de asas. Só voando, podia alguém, em tão pouco tempo, deixar pão em tanta casa. Chovesse ou fizesse frio, nas noites de inverno como nas de verão, Deus vinha, pelos pés da Aninhas, encher-nos as manhãs de pão fresco. Até que um dia, já com os anos a pesar mais do que os pães, a Aninhas caiu e partiu uma perna. Nós sabíamos que ela tinha ossos. Pensávamos é que não se partiam. E Deus, continuou a dar-nos o pão de cada dia, mas deixou de o trazer a casa. Nunca houve uma perna partida que fosse tão lamentada. Não havia boca que não perguntasse se a Aninhas estava melhor. Incapacitada, a Aninhas já não faz a volta do pão. Mas, nos cestos das nossas memórias, recordamos, levados por esse fermento de amor, o trabalho da Aninhas como um carinho de Deus com sabor a pão.

“Isto é o meu corpo, tomai e comei”, disse Jesus ao dar-se no pão, na Última Ceia.

A vida da Aninhas, deu-se no pão, anos a fio. É feliz a ideia de pensar que ela foi, para todos nós, um corpo de Cristo. •

AS VIDAS da minha vida ALUNOS SVD'82

J. Jesus AMARO



Quem trabalhou vários anos no ensino, mal seria não ter algo de bom a recordar desse tempo. Comigo aconteceu que em 1982 me colocaram à frente de um grupo de jovens pré-adolescentes aos quais procurei ajudar nessa sua fase de crescimento. Hoje, reconheço, honestamente, que estava pouco e mal preparado para assumir essa tarefa. Eu não sabia, muitas vezes, como agir, como reagir, o que autorizar, o que proibir de modo a sentir, depois, do acontecido que tinha sido uma boa decisão e que tanto o aluno como eu tínhamos ficado satisfeitos. Que tinha sido uma decisão acertada... HOJE, olhando à distância de 38 anos, tenho tido o prazer de me encontrar e contactar com muitos dos elementos dessa turma: SVD82. Nos primeiros dias de março organizaram-se, juntaram-se... e vieram até Fátima para se encontrarem com gente sua conhecida, lembrar acontecimentos desses tempos da década de oitenta, contar da sua situação profissional e familiar. Celebrar a amizade!

Para mim foi um prazer enorme estar com eles tanto à porta da “nossa ex casa svd” como depois no restaurante dos “Lains”, no Moimento. Ali foi um “fartar vilanagem” de histórias, memórias, acontecimentos... Foi um frenético “trocar de vidas e risos altos,” como se estivesse para acabar o mundo e não houvesse oportunidade de todos “dizerem de sua justiça”... E, sob a chefia do “meu” José Galinha, vulgo Galináceo, coadjuvado pelo Carlos Lopes, o mais competente ladrilhador que conheço em Portugal e arredores, e pelo ausente Pedro Marto

o encontro foi-se desenrolando com alguns atropelamentos no discurso, é certo!, mas nada de significativo ou que exigisse força maior e se tivesse havido necessidade lá tínhamos destacado para o efeito, o Dinis Sousa e Silva da GNR para por cobro ao que fosse... Fiquei feliz e contente por ver que algo tinha sobrado dos nossos eitis: valores, preocupações, relações! E quem não ficaria?

Certo que as vozes se atropelavam: com a pressa, faziam as perguntas e nem sequer davam tempo ao inquirido para dar a sua resposta com calma e clareza... gostei de os encontrar, creiam, porque, de uma maneira ou outra, eles também foram vidas que enriqueceram MUITO a minha (...foram vidas da minha vida e por isso as trouxe aqui ao meu cantinho!), pois a tornaram mais suave de relações, mais paciente de decisões, mais rica de memórias e mais signi-

ficativa alegre e gozosa de sentido. E como eu acredito que o nome é tão importante como o portador aqui vão eles (os que estiveram presentes): José Galinha, Luís Maximiano, Luís Miguel (Rexaldia), Miguel Lima, Benjamim Ferreira, Luís Carlos (Fátima), Carlos Lopes (Moimento), Dinis Sousa e Silva (Rexaldia), Luís Cardoso, Hélder Mendes (Fátima), Miguel Joaquim (Corredoura) e Hélio Esteves (Alverca).

Mas queremos saber por onde andam: Babaloo (Golegã), Eurico (Proença-a-Nova), Cardoso (Barreira), Filipe (Ribamar), Topo Gígio (Riba Fria), Helder (Turquel), Romeu (Benedita), Carlos Reis (Caranguejeira) Carlos Bento, Mário Fernando, Paulo Sérgio... e outros!

Lembramos também as memórias do +Pedro Paixão (Pé de Cão), +Hilário (Santa Catarina) e +Luís Manuel, o Zambiano. •



O REGADOR DA PAZ

JOSÉ M. TEIXEIRA E ALUNOS

«O Mais importante é o amor» (1ª Cor 13)

O amor faz-me sentir feliz.
O amor faz-me querer viver cada dia mais.
O amor é maior do que a distância.
As pontes (os nossos braços) ligam o amor que sentimos uns pelos outros.
O amor não conhece barreiras que o impeçam de passar.
O verdadeiro amor é uma prova de que Deus existe e está atento.
Deus nunca corta ou suspende o seu amor, a nossa liberdade e responsabilidade.
O amor muda as nossas vidas e torna-nos melhores.
O verdadeiro amor nunca acaba.
O amor é a vida, espalha-se pelo mundo.
O amor é a felicidade de todo o mundo.
Eu, sem o amor dos meus pais não seria ninguém.

Autores: Alunos e o Professor de EMRC
Agrupamento de Escolas Daniel Sampaio



INTENÇÕES DO PAPA

Junho

Rezemos para que aqueles que sofrem encontrem caminhos de vida, deixando-se tocar pelo Coração de Jesus.

Julho

Rezemos para que as famílias de hoje sejam acompanhadas com amor, respeito e conselho.

MISSÃO E VOCAÇÃO

BÍBLIA

JOAQUIM DOMINGOS LUÍS



A MISSÃO NO EVANGELHO DE MATEUS

A comunidade de Mateus era composta, na sua grande maioria, por judeus, mas o evangelista quer mostrar que a Boa Nova é também para os gentios; que ela se destina a todos os povos (Mt 28,19). Os discípulos de Cristo são “o sal da terra”, ou seja, do cosmos, e não só da terra dos judeus, mas também da “terra” (Mt 5,14; Mt 4,15); o “campo” onde Deus semeia é o “mundo” inteiro (Mt 13,38) e o evangelho deve ser pregado em todo o mundo (Mt 26,13).

Na genealogia de Jesus aparecem várias mulheres gentias: a cananeia Tamar (1,3), a Hitita Betsabé (1,6); a prostituta Raab (1,5) e a Moabita Rute (Mt 1,5). Em Mateus, são os sábios pagãos (os Magos) do Oriente que acreditaram e viajaram até Belém para adorar o Messias (Mt 2,1-12), enquanto os escribas judeus ficaram em Jerusalém indiferentes ao Seu nascimento. Uma mulher cananeia professa a fé em Jesus (Mt 15,21-28) que lembra aos Fariseus o “sinal de Jonas” que tinha sido entendido pelos gentios, que se converteram (Mt 16,4).

Jesus fugiu da sua terra para buscar refúgio no Egito (2,13-15) e começou o seu apelo à conversão na Galileia pagã (Mt 4,13-17). O centurião romano professa a fé em Jesus (Mt 8,5-13) e reconhece-o como Filho de Deus (Mt 27,54); os judeus filhos do reino, pela sua

descrença, serão lançados nas trevas exteriores (Mt 8,12). As cidades de Tiro e Sídon e Sodoma e Gomorra (símbolos do paganismo) ter-se-iam arrependido se, nelas, Jesus tivesse feito os milagres que tinha feito nalgumas das cidades judaicas que rejeitaram Jesus (Mt 10,15; 11,20-24). Os discípulos devem pedir mais trabalhadores, pois a seara é grande, e “o evangelho do reino deve ser anunciado em todo o mundo, e devem ser testemunho para todas as nações” (Mt 9,37-38; Mt 24,14).

No fim dos tempos, as nações pagãs aparecerão diante do trono do Filho do Homem (Mt 25,31-46), alguns serão condenados e outros salvos (os benditos de meu Pai, v.34), mas os discípulos serão “odiados por todas as nações” (Mt 24,9). O Messias “julgará os gentios” que devem confiar no seu nome” (Mt 4,13-17; 12,18-2). Os judeus que deviam ser os primeiros são os últimos e os gentios que eram os últimos são os primeiros (20,1-16); a vinha é retirada aos vinhateiros originais, os judeus, e dada a outros, os gentios (21,41-43); os primeiros convidados, os judeus, são rejeitados em favor do povo dos caminhos, os gentios, que não pertenciam ao banquete (22,1-4).

Mateus quer demonstrar aos seus contemporâneos judeus que a fé é o fator essencial, não a nacionalidade, e que o Evangelho é para todo o mundo. •

EXERCÍCIO DO TRAPÉZIO

DAMIÃO LELO



Ao longo dos últimos anos tenho refletido sobre a invocação e o corajoso exercício do trapézio. Ambos demonstram uma atitude de confiança em Alguém ou Algo que está para lá da vivência entre a vida e a esperança. Um/a trapezista, que se lança e salta de uma plataforma a alguns metros de altura, tem audácia, na medida em que a vida proporciona uma experiência de voar e lançar-se.

A invocação assemelha-se ao exercício do trapézio. Em primeiro lugar, é um exercício que exige sair do chão em que se semeia a expectativa. É um desafio para nós que não temos asas. Nesse exercício desafiante coloca-se a vida em risco, em sair do solo. Ser discípulo de Cristo necessita tanto de uma disposição de sair da zona de conforto, da certeza conceptual, a ponto de “algo inédito” poder surgir.

Em segundo lugar, lançar-se no mistério, no “vazio”. Um/a trapezista larga a sua barra de segurança e lança-se no vazio. Um momento depois, estende os braços para as mãos seguras de outro/a trapezista, que não demora a agarrar. Ser cristão vocacionado é aquele que se lança no mistério, estendendo os braços para as mãos seguras de Deus em Cristo, pronto a segurar, a agarrar e a acolher.



Em terceiro lugar, no exercício do trapézio não há nada por acaso. Tudo sucede num ambiente de risco calculado e programado. Contudo, fica uma suspensão entre a vida e a “perda”. E, a vida lança-se à busca de apoio que supera o perigo, que vence a perda.

A vida vocacional possui também momentos de suspensão entre a vida e a perda – deixar a terra, a família, o porto de abrigo, a certeza conceptual, os ídolos. No entanto, ela lança-se à busca de apoio das mãos seguras e divinas do Bom Pastor que agarra, abraça e faz maravilhas. Nesse momento decisivo de encontro, a invocação ganha mais força, a súplica dá mais fôlego, porque modela a atitude de confiar em Alguém que está para lá das nossas seguranças humanas. Quanto mais “invocantes” somos e quanto mais suplicante é o estilo de vida cristã que temos, tanto mais audazes e confiantes nos tornamos em mergulhar no mistério de Deus. •

UMA PRIMEIRA ‘EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA’

TIAGO BOTELHO

Entrei pela primeira vez, já como médico, no Hospital de Santa Maria, no dia 2 de janeiro de 2020. Esperava um ano de novos desafios, descobertas e sobretudo de muita aprendizagem. O curso de medicina é exigente, levamos muitas vezes ao limite, mas não nos prepara para uma pandemia. Uma pandemia exige de todos nós, profissionais de saúde e sociedade em geral, um esforço adicional que nem sempre estamos preparados para o fazer.

Trabalho agora na Unidade de Contingência de Infecção Viral Emergente (UICIVEE), especialmente criada para receber e tratar todos os doentes que, apesar de não necessitarem de cuidados intensivos, ainda precisam de cuidados médicos diferenciados. A preocupação é constante com a segurança pessoal de todos os que contactam com os doentes infetados. Como médico mais novo, mantenho-

-me na retaguarda a ajudar os colegas mais velhos (mas ainda assim médicos novos) que observam e tratam destes doentes, abordamos os doentes com todos os seus problemas, sendo o Covid-19 apenas mais um a juntar a um rol que costuma ser longo. Volto a afirmar que não estava de todo preparado para o desafio que me esperava, mas tenho visto nos doentes uma força suplementar que muitas vezes é a força que nos falta e que vamos aí buscar. Uma vez por semana faço 12 horas de urgência, em que muitas vezes abordo doentes suspeitos pela primeira vez, todos os rostos preocupados que vejo são potenciais focos de infeção e devem ser vistos como tal. A segurança é primordial para que continuemos a lutar e que possamos auxiliar todos aqueles que procuram ajuda.

Esta pandemia acabou por nos tirar muito daquilo que tínhamos, errada-

mente, dado como garantido. Não visito os meus pais, o meu irmão e os meus avós já há quase 3 meses, algo que ainda nunca tinha acontecido, mas sinto que a segurança deles deve estar sempre primeiro e por isso mantenho-me ‘afastado’, mas sempre presente.

A força que brota da oração também tem mantida viva a nossa esperança e a nossa resiliência para combater este inimigo invisível. Acreditar e manter a chama acesa é algo que nos deve iluminar nesta ‘noite’ que ninguém esperava, mas que há muito era expectável. O desafio da Humanidade é agora afastar-se para se manter unida, e este é talvez o desafio mais importante do nosso século!

Reforço a importância de mantermos a consciência coletiva que a ‘grande batalha’ não acontece dentro do hospital, mas cá fora! É a sociedade que permite, e por antítese que impede, que



o vírus se propague, pelo que devemos seguir sempre as recomendações das autoridades de saúde. •



ENCONTRO NACIONAL DOS ANTIGOS ALUNOS DO VERBO DIVINO

Fátima, 5 e 6 de setembro/2020

programa na nossa página web www.verbodivino.pt e no próximo número de Contacto SVD

Inscrições e reservas:

Para alojamento é obrigatório fazer reserva – de 27 de julho até 5 de agosto – com:

- Eduardo Moutinho Santos: Tlm e SMS 939 751 731 e e-mail: moutinhosantos-2044p@adv.ia.pt - e/ou - António Pinto: Tlm e SMS 963 987 686 e e-mail: pintolivia@sapo.pt - e/ou
- Receção do “SDivine Hotel” - Telf: 249 532 163 - Diretora - Tlm 913 124 155) - indicando tratar-se de: Reservas da AAVD

VIDAS QUE DÃO VIDA

Entrevista e fotos WALDEMAR KUS SVD

Há tanta gente tão boa! Diríamos, com as palavras do Papa Francisco, os santos da porta ao lado.

Hoje gostaríamos de deixar estas páginas como um presente para os nossos leitores. Rostos, histórias, ... Vidas partilhadas. Agradecemos ao P. Waldemar Kus que nos permitiu publicar esta entrevista que ele conduziu – ou se deixou conduzir – na casa de uma família onde tanto amor se vai semeando.

O testemunho do P. André Fecko oferece-nos alguns elementos de leitura, como que a ajudar-nos a abrir a porta para irmos entrando e olhando... ou deixarmo-nos olhar.

STASZEK

Encontrei o Stanisław pela primeira vez no seminário do Verbo Divino, em Pieniężno, Polónia. Durante as férias de verão, gostava de visitar a terra onde nasci, que é vizinha daquela do Stanisław.

A vida foi-nos levando a conhecermo-nos mais. Como seminarista, ele dedicava-se muito ao trabalho relacionado com o Secretariado das Missões, enviando ajudas necessárias para os missionários.

Ao terminar os estudos, o Stanisław foi ordenado Padre em 1979, um ano antes de mim. Escolheu Angola como destino missionário, a sua terra de missão. Esta opção tem por base o que fomos recebendo na formação. Um dia chegou ao seminário D. Pedro Marcos Ribeiro da Costa, Bispo de Saurimo, Angola. Vinha acompanhado pelo P. Jan Musiał. Naquela altura, com tudo o que D. Pedro nos contou sobre Angola, terminou mesmo por nos “contagiar”.

Viviam-se os tempos em que Angola estava em guerra civil e não eram muitos os missionários que se apresentavam para as missões naquele país. Stanisław apresentou-se e recebeu Angola como primeiro destino. Mais tarde estaria eu a caminho de Angola, também como primeiro destino missionário.

Já em terras angolanas, a missão do N’zeto foi o seu primeiro lugar de trabalho. N’zeto encontra-se a 280 km de Luanda, cidade capital. Esta missão tinha sido fundada pelos Padres Jan Musiał e Jorge Palka, este entretanto falecido.

O trabalho para a construção era muito duro. Todos os materiais eram transportados desde Luanda, através de uma estrada esburacada. Lembro-me das noites que Stanisław passava na fila da fábrica de cimento para fazer o carregamento com base na requisição passada pelo Ministério de construção.

A comunidade cristã de N’zeto respondia com grande empenho ao apelo dos missionários para colaborar nos diversos trabalhos. Em 1983, juntamo-nos os dois na mesma missão. Naquela altura, já os dois tínhamos assumido o trabalho pastoral e também concluímos as obras da missão. Não poderei esquecer nunca uma das muitas (meu Deus, quantas!) autênticas “aventuras” missionárias que nos marcou. Tratava-se de uma saída para uma parte da missão, a região de Kindeje. Tinham passado já 7 (sete!) anos em que os cristãos daquela região não tinham recebido a visita dos missionários, devido à ação da guerrilha. Preparamo-nos e saímos de noite, acompanhados por alguns Catequistas e Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo. Depois de 6 horas (seis!) chegámos à primeira comunidade. Tínhamos percorrido 120 km! Ali permanecemos quase uma semana para examinar os candidatos aos sacramentos. Naquela altura batizamos 360 catecúmenos. Não posso deixar de sublinhar que todos estavam bem preparados pelos Catequistas da localidade. Mais uma vez, fui testemunha do zelo e entrega do Stanisław ao trabalho missionário.

Com o passar do tempo, fomos notando que o Stanisław se cansava e começava com algumas queixas em relação à saúde. Não nos passava pela cabeça que, afinal, eram os princípios da terrível doença que nele se começava a desenvolver. O Stanisław teve de abandonar a sua missão que tanto amava.

Atualmente, quando posso, visito-o na Polónia e, naturalmente, lembramos com saudade aqueles tempos partilhados ao longo das nossas vidas, particularmente por terras angolanas.

ANDRÉ FECKO



P. Stanislaw Olesiak

MARYSIA DE TRZETRZEWINA

Visitei o P. Stanislaw Olesiak SVD em Trzetrzewina, perto de Nowy Sacz. O P. Stanislaw foi admitido na Congregação em 1974; ordenado sacerdote em 1979.

Logo após a ordenação, seguiu para o trabalho missionário em Angola, um país atormentado por uma guerra civil que durou quase 30 anos.

Infelizmente, passados sete anos, foi obrigado a regressar à Polónia por razões da saúde. Comentou o facto na revista *SADECZANIN*:

O paludismo começou a “bater-me”.

Além disso, trouxe também ameba no fígado. Depois, apareceram distúrbios da visão, algumas perdas da memória. Finalmente, foi feito o diagnóstico: esclerose múltipla.

Uma sentença. Quase que de um dia para o outro, tornou-se deficiente.

Após uns momentos de revolta, não desistiu. Encontrou um novo objetivo na vida. Um novo desafio. Resolveu estar com os que sofrem, com os deficientes, com os que estão sozinhos na sua infelicidade – e dar-lhes apoio.

Não queria ser um peso para a sua



P. Waldemar Kus (esquerda)

Congregação. Por isso, ofereceu todas as suas forças e talentos em prol dos doentes, idosos e deficientes.

Decidiu realizar a sua «nova vocação», de forma particular, no âmbito da Associação para as Pessoas Deficientes «Ninho» de Stary Sacz. Assim descreveu as suas relações com os membros da Associação «Ninho» e com a sua família:

Somos necessários uns aos outros, sempre. Eu próprio, nada faria sem a ajuda e os cuidados dos meus próximos, pais, irmãos, cunhada. São eles que, junto comigo, todos os dias suportam o peso da cruz e passam no exame de amor e bondade.

Após a morte do seu pai Julian, o P. Stanislaw vive hoje debaixo do mesmo teto com a sua mãe Maria de 90 anos, que necessita de cuidados a tempo inteiro, e com o seu irmão Julian e a sua cunhada Marysia.

Uns dias antes, marquei um encontro com ele. Cheguei, como combinado, de manhã, antes das 10 horas. Ele estava à minha espera, como sempre. Estava no quarto da sua casa de família, numa cadeira de rodas, à mesa que lhe serve para celebrar diariamente a santa Missa privada. Após uma receção cordial, anunciou a todos, de forma característica para ele: «Primeiro, a Santa Missa!»

Durante a Oração Eucarística, uma lembrança obrigatória dos irmãos de Congregação cujo aniversário de morte ocorria naquele dia.

Após a Comunhão, uma oração

da Congregação pela beatificação do Servo de Deus, P. Marian Zelazek SVD.

A seguir, o Terço da Divina Misericórdia, em intenções que nos foram confiadas.

No fim, uma oração pelo pai, amigos e benfeitores falecidos.

Apenas terminada a Santa Missa por ele celebrada, pudemos iniciar o nosso encontro fraterno, recordando os tempos que passámos juntos no seminário e as circunstâncias em que tínhamos decidido ingressar no Seminário dos Missionários do Verbo Divino, em Pieniezno.

Naquele momento, ouvi algumas novidades. Vou guardá-las para mim!

Quando estávamos a partilhar as nossas memórias, fiz uma pergunta pessoal ao Staszek:

«Se puderes, responde: Por que querias agradecer à Marysia, a tua cunhada?»

Após um momento de reflexão, comovido, respondeu:

“Pelo cuidado de dia e de noite, de todos e cada momento. Não só de mim, mas também da minha mãe de 90 anos. Antigamente, a mãe fazia tudo por nós. Agora, no fim da vida, sofre de demência. Vive no seu próprio mundo.”

Após uns momentos de silêncio, acrescentou:

Agradeço à Marysia os cuidados.



cunhada e irmão do P. Stanislaw

Os cuidados em todos os aspetos – literalmente – os cuidados paliativos. Não só de mim, mas também da minha mãe.»

«Meu Deus, tanta bondade naquela mulher! E já lá vão quase 20 anos assim.»

“Se não fosse a Marysia, teríamos, eu e a minha mãe, de ir para um lar.”

Vou ser sincero: fiquei comovido!

O encontro com a Família Olesiak, em Trzetrzewina, era suposto ser

um de tantos outros no período do Natal e do Ano Novo. Entretanto, para mim, tornou-se num retiro espiritual de um dia. Numa lição de humildade e de um serviço fraterno em prol do próximo.

No fim do nosso encontro, partilhámos o «oplatek» [uma espécie de hóstia] e desejámos o melhor uns aos outros.

No caminho de volta a Zakopane, lembrei-me das palavras de Jesus:

«Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos» (João 15, 13).



mãe do P. Stanislaw

Marysia, a cunhada de Staszek, não gosta de falar de si própria. Recusa-se a posar para as fotografias. Não assume nenhum mérito seu.

Para ela, cuidar de Staszek e da sua mãe, é algo normal, nada de especial. Não espera nada em troca.

Ela faz tudo isso com uma grande descrição, humildade, sensibilidade e empatia.

Recordando esse dia e o nosso encontro, agradeço a Deus por ter conhecido uma pessoa como a Marysia. Uma pessoa que tem vivido, durante os últimos 20 anos, as palavras de São Paulo: **«Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo»** (Gálatas 6,2).

Encerrei esse dia com uma breve oração: Senhor, obrigado por me deixares estar com as pessoas que, sem dúvida, consideras teus amigos, como eu os considero meus. •

OPINIÃO

“TER ou SER”



JORGE FERNANDES
jfernandes1875@gmail.com

Início esta reflexão com o país parado. Neste 1º de Maio não podemos abandonar os confins dos nossos concelhos. Um inimigo invisível, saído da China, pôs o mundo em sentido. A propósito, há quem diga que esse gigante asiático venceu a 3ª Guerra Mundial sem disparar um tiro. Assim ou de outro jeito, a verdade é que todos fomos experimentando a enorme fragilidade do ser humano e a impotência da ciência perante um vírus, que nos obriga a longas semanas de confinamento e ameaça destruir as economias, habituadas a registar novas metas positivas. A crise está já a criar de novo uma onda de desemprego a nível mundial.

Como também se tem dito e redito, a presente crise não é necessariamente um mal absoluto: demo-nos conta de que os nossos destinos estão intimamente ligados aos dos irmãos e irmãs com quem diariamente nos cruzamos. A solidariedade encontrou novas e belas formas de se expres-

sar. A experiência da nossa fragilidade e da impotência das nossas estruturas sociais pode ser uma bênção para tantos de nós. Chegámos à conclusão – como me dizia uma boa amiga – que adulteramos o sentido da vida. E ela conclui: “Gasta-se o tempo a ganhar e a gastar e nem se tem oportunidade para apreciar as coisas belas da vida”.

Como seria belo se os tempos da pós-crise nos ajudassem a ser realmente o que devemos ser!

Desde o Papa até aos nossos políticos são muitos os que se interrogam sobre aquilo que nos espera nos próximos meses. E há quem pense sobretudo na forma como reativar ou relançar a economia. Eu creio que a presente crise nos oferece uma excelente oportunidade de repensarmos e refazermos os estilos de vida a que nos habituámos. Consta que a própria natureza deu sinal de se querer reconciliar com o ser humano, graças ao facto de não se ver sobrecarregada com a violência exercida dia e noite sobre ela. Para mim foi um verdadeiro gozo espiritual ver patos, cabras, veados e javalis a passearem-se pelas ruas das nossas cidades. O regresso à beleza inicial num Éden, que temos tratado tão mal? Nestes dias tenho pensado muito na palavra do filósofo Erich Fromm, que

escreveu um livro intitulado “O Ter e o Ser”. Nessa obra ele mostra-nos como a nossa sociedade está determinada pelo “Ter” e pelo “querer ter”. E. Fromm afirma aquilo que todos sabemos: o ser humano escravizou-se ao sistema económico, que nos leva a desejar ter cada vez mais. E vamos enchendo as nossas casas de coisas necessárias e de uma multidão de coisas absolutamente dispensáveis. Isso só pode provocar no mais profundo da alma humana uma situação caótica. Adoecemos e sentimo-nos infelizes, pois não foi para isso que fomos criados. Perante esta visão doentia que nos é imposta pelo atual sistema económico, E. Fromm desafia-nos a viver a partir do “Ser”. O homem já não se define a partir do que tem, mas a partir do que é: capaz de viver em comunhão, aberto ao Outro e aos outros, solidário com os que sofrem, respeitador da “casa comum”, capaz de dar a vida para que outros tenham vida. E é assim que ele desperta e vive feliz, em vez de definhado; aprende a repartir e a solidarizar-se em vez de se deixar treinar para açambarcar. Só assim, cultivando o “ser”, o ser humano pode desenvolver e dar expressão ao melhor que está em nós.

Como seria belo se os tempos da pós-crise nos ajudassem a ser realmente o que devemos ser! A reencontrar o sentido da vida! Ou queremos continuar mergulhados na selva em que o mundo se transformou? •

QUE É FEITO DE TI

JÚLIO PAULO CASTRO



O Seminário do Verbo Divino, em Guimarães, acolheu-me em 1978 e iniciei a minha vida como estudante.

No ano 1984/85 fui para Fátima onde entrei na área de científico, mas no ano seguinte passei para a área de humanísticas, acabando por completar o 12º ano na escola secundária de Fafe.

O que mais realço, enquanto aluno em Fátima, foi a conquista do torneio de futebol de salão da paróquia de Fátima, em 1986, com a idade de 16 anos. Fui o guarda-redes dessa seleção e ainda agora entre os antigos colegas essa façanha é comentada.

Em agosto de 1989 fui cumprir serviço militar obrigatório e ingressei na Base Escola de Tropas Pára-quedistas, em Tancos. Após juramento de bandeira fui transferido para a Base de Aveiro passando à disponibilidade em janeiro de 1991. Neste mesmo ano, os meus pais que tinham uma loja de comércio tradicional no centro de Fafe (retrosaria, acessórios, roupa interior para homem, senhora e criança) com a denominação comercial “Casa Primavera” (atividade iniciada em maio 1968), foi constituída uma sociedade à qual eu pertencia, mas volvidos alguns anos adquiri as quotas na totalidade, passando a gerir e dar continuidade a este negócio.

Em 1992 formei família tendo dois filhos, o Francisco (janeiro de 1994) já formado em Engenharia Mecânica na Universidade do Porto e o Eduardo (outubro de 1993) a frequentar o 11º ano.

Envolvido durante bastantes anos com uma comunidade de ex-verbitas em Fafe, fui falando com alguns deles e resolvi criar uma página no Facebook “SVD – Antigos Alunos”. Desde então tenho contactado com muitos ex-alunos dos seminários de Guimarães e Fátima e beirões que andaram no Tortosendo, mantendo atualmente contactos regulares.

O Seminário do Verbo Divino foi uma instituição onde cresci e vivi bons momentos enquanto jovem, onde tive boa parte da minha formação, bem como educação religiosa e familiar que ajudou a formar o homem que sou.

(pauloprivavera@sapo.pt)

António Pinto (responsável por esta coluna)

A AÇÃO HUMANA MAIS MORTÍFERA QUE A PANDEMIA



DOMINGOS SOUSA
d.sousa1@hotmail.com

Eu já sofria da peste bem antes de conhecer esta cidade e esta epidemia. (...) Esta epidemia não me ensinou nada a não ser que é preciso combatê-la (...), que cada um de nós a leva em si, a peste, porque ninguém, não, ninguém no mundo lhe é indomne. Assim confidencia Tarrou, personagem do romance de Camus: *A Peste*. Um livro para ler e meditar nestes tempos de pandemia que nos toca viver.

Tarrou faz esta confidência ao médico Rieux, a quem se associou para combater a peste. Fá-lo num período em que a propagação da epidemia perdera intensidade. A realidade do sofrimento e injustiça atormentavam-no. Quando tinha 17 anos foi convidado pelo pai, um advogado, a assistir a um julgamento. Ele observa como um pobre homem era condenado, sem piedade, à morte, com a corroboração do seu pai. Horrorizado por quererem eliminar a vida deste homem, sente-se possuído por um instinto elemental que o leva a ficar do seu lado. Desde esse momento um interesse terrível por julgamentos e condenações à morte

tomou conta de si. Descobre que a ordem social em que vivia assentava na condenação à morte. Sente o coração ferido. Deixa de dormir bem. Dá-se conta que não havia deixado de ser pestífero durante longos anos, mesmo quando combatia de corpo e alma a peste. Havia sancionado indiretamente a morte de milhares de pessoas ao aprovar as ações e princípios que a causara. Sente-se terrivelmente envergonhado de ter sido um homicida, mesmo à distância e com boa vontade. Considera que não há gesto neste mundo que não seja passível de causar morte, inclusive por aqueles considerados melhores que o resto. Por isso, urge vigilar para

Será que a experiência traumática massiva e sem precedentes desta pandemia nos tornará mais sensíveis ao continuado sofrimento de milhões de seres humanos que pagam o preço do bem-estar que usufruímos?

“não assoprar diante da presença do outro e lhe transmitir a infeção”. Não do corpo, mas da alma. “O que é natural é o micróbio. O resto, a saúde, a integridade, a pureza, se quereis, é um efeito da vontade e de uma vontade que jamais deve esvaecer”. Na sua confidência, Tarrou transpõe a infeção da peste para um outro plano. Dirige o nosso olhar para a ação humana,

mais mortífera que a infeção natural causada pelo micróbio.

Um incalculável número de mortes causado pela ação e cumplicidade humana não é diariamente contabilizado nem constitui notícia de primeira página. Morrem anualmente de fome mais de 9 milhões de pessoas. Estima-se que 180.000 pessoas são anualmente vítimas de conflitos armados, em consequência dos quais cerca de 200.000 morrem por desnutrição e doença. Em 2017, 464 mil pessoas em todo o mundo foram vítimas de homicídios. Estima-se que em 2018 houve 228 milhões de casos de malária e 405.000 mortes, entre as quais se contam 272.000 crianças; 1.7 bilhões de casos de enfermidades de diarreia, primeira causa de desnutrição em crianças com idades inferiores a 5 anos, morrendo anualmente 525.000 crianças; 10 milhões de pessoas adoeceram de tuberculose, das quais 1.5 milhões sucumbiram à doença.

No meio da grave crise sanitária causada pela pandemia do coronavírus, é bom não esquecer estes dados estatísticos e muitos outros que podiam ser referidos. Todos nós somos cúmplices desta realidade de sofrimento. Mas será que a experiência traumática massiva e sem precedentes desta pandemia nos tornará mais sensíveis ao continuado sofrimento de milhões de seres humanos que pagam o preço do bem-estar que usufruímos? •

OLHARES

É URGENTE UMA VACINA ... para as DOENÇAS ESQUECIDAS!

É tempo de prudência, não de pânico. É tempo de ciência, não de estigma. É tempo de factos, não de medo.

António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

As palavras do Secretário-Geral das Nações Unidas incentivam-nos a seguir em frente, encorajam-nos a sermos construtores de caminhos novos, ajudam-nos a refletir que este é o momento de sermos solidários. Estamos a viver momentos incertos e, no momento em que escrevo este artigo, há em todo o mundo milhões de pessoas infetadas com o Covid-19 e milhares já morreram. As imagens que nos chegam são atroz e desumanas sobretudo pelo isolamento a que todos temos de estar submetidos. Sem dúvida nenhuma que a urgência de uma vacina é por demais evidente, de forma a que possamos erradicar esta pandemia do Covid-19.

No entanto, quero refletir não sobre este vírus, mas sim sobre uma ou-

tra doença infecciosa que é tanto mais mortal, mas muito silenciada, refiro-me à Malária.

O Relatório Mundial sobre a Malária 2019, da Organização Mundial da Saúde (OMS), alerta que a doença continua a ser um problema de saúde global. As mortes associadas à doença são incompreensíveis, pois dos 228 milhões de novos casos de malária

Dos 228 milhões de novos casos de malária em todo o mundo, 213 milhões foram registados em África (93%).

em todo o mundo, 213 milhões foram registados em África (93%).

O relatório mostra igualmente que as crianças representam 67% das mortes mundiais devido ao paludismo, ou seja, 272 mil crianças menores de cinco anos.

Infelizmente, a malária continua a afetar de forma particular as mulheres grávidas e as crianças, tendo afetado, no ano passado, 11 milhões de grávidas (29%) em 38 países da África Subsariana onde a transmissão da doença é moderada ou alta. Em

consequência disso, estima a OMS, cerca de 900 mil bebés nasceram com baixo peso.

A boa notícia é que a OMS estima que foi possível evitar milhões de mortes por malária desde 2000, mas reconhece que, nos últimos anos, os progressos na redução da incidência de casos a nível mundial desaceleraram. A taxa de incidência passou de 71 casos por 1.000 pessoas em 2010 para 57 casos por 1.000 em 2014, com a taxa a manter-se desde esse ano e até à atualidade sem alterações significativas. “Os progressos não serão suficientes para cumprir o programa de trabalho da OMS, que prevê uma redução para metade das mortes relacionados com a malária até 2023, ou os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que propõem a eliminação da malária no horizonte 2030”, adianta a organização.

Finalizo referindo que é urgente uma vacina para eliminar a malária, mas ainda é mais necessário que se deseje eliminar, definitivamente, esta doença. Esta é a nossa hora, a oportunidade de cada um dar uma resposta de solidariedade. •

ALARGANDO O CÍRCULO

JOSÉ ANTUNES

Vivemos numa época em que somos confrontados com estilos de vida que colocam perguntas ao nosso modo de ser e de agir. Atitudes e costumes diferentes, expressões religiosas e culturais diversas podem originar conflitos entre pessoas e grupos. Geralmente sentimo-nos bem quando estamos com os que pertencem ao nosso grupo, falam a nossa língua, partilham os nossos costumes e valores culturais. O que é estranho mete-nos medo.

Foi para lidar com as diferenças culturais e a sua influência na vida espiritual, que um grupo de missionários do Verbo Divino, irmãs Servas do Espírito Santo e alguns leigos participaram, em Steyl, numa ação de formação. Os 34 participantes vinham de dezassete países e unia-os um objetivo comum: aprofundar a relação entre a espiritualidade e o contexto intercultural em

que vivemos e produzir subsídios para promover a aquisição de competências nesta matéria.

Os primeiros dez dias foram dedicados a aprofundar conceitos-chave na área da espiritualidade e da antropologia cultural. Houve oportunidade para conhecer melhor a espiritualidade dos fundadores das nossas congregações e o modo como ao longo da sua vida foram gerindo os conflitos culturais. Neste campo é de realçar a importância da espiritualidade trinitária. O segundo momento foi um retiro onde se procurou passar da “cabeça” ao “coração”, ou seja, das teorias ao aprofundamento pessoal através da oração, da escuta da Palavra e do silêncio. Na parte do curso, os participantes elaboraram subsídios para retiros e recolções de modo a divulgar as riquezas espirituais das várias

Via dei Verbiti



culturas e o património espiritual das nossas congregações.

Não é fácil viver e trabalhar numa sociedade onde vários grupos culturais se misturam e interagem. Há movimentos, grupos e partidos que agitam a bandeira do medo dos estrangeiros e facilmente congregam vastos auditórios. O desafio da interculturalidade está em aprender dos outros para nos enriquecermos mutuamente e contribuir para uma sociedade onde seja possível viver juntos apesar das nossas diferenças.

A forma como rezamos e vivemos a nossa fé está condicionada pelo contexto cultural onde nascemos e crescemos. Daí a importância em conhecer, divulgar e partilhar as experiências espirituais de pessoas de outras culturas. Isto requer um processo de transformação interior que nos afaste do etnocentrismo e nos leve a apreciar os outros. Em suma, precisamos alargar o círculo das nossas relações interpessoais, criando sociedades mais inclusivas e abertas. Ou, numa perspetiva cristã, requer uma dinâmica de conversão para acolher o Reino de Deus, a cuja mesa todos têm lugar. •

Contacto svd RECOMENDA

EMÍLIA MOURA



«É na relação pessoal com Cristo que Ele nos revela que podemos ser nós próprios e encontrarmos a graça e o modo de proceder. Dessa relação, um modelo exemplar: Maria de Nazaré. A sua vida, missão e lugar na história da humanidade fazem reconhecer nela a figura e o tipo do que cada um de nós e todos nós, a Igreja, deve ser, para ser quem é. A relação com Nossa Senhora faz escola. A escola dos cristãos deve ser aquela em que andou Jesus. Daí também o desejo de a redescobrir. Vamos a sua Casa.»

Vasco Pinto de Magalhães

Entrar em casa de Maria...

É abrir as cortinas e rever, sem protocolos, o local onde aconteceu o sublime mistério; É fazer memória do momento em que o SIM de Maria permitiu a Encarnação do Verbo; É sentir o toque do céu na terra;

É encontrar o caminho maternal para o encontro com Cristo; É sentir-se, como Jesus, no aconchego do seu colo;

É percorrer caminhos de escuta, confiança, entrega;

É encontrar um manto aberto para nos acolher;

É sair... com Maria como farol, bússola, caminho... para ver e ser Igreja.

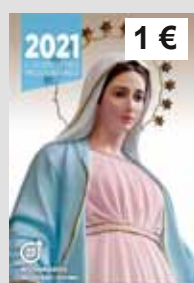
Foto: José Antunes



Leve consigo
boas companhias:

**Calendário
Missionário 2021**

Agenda Jovem 2021



Secretariado Missionário do Verbo Divino

Rotunda dos Peregrinos, 101

2495-412 FÁTIMA

Tel: 249 534 116

proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

MISSÃO POR LÁ

FORMAÇÃO PARA A MISSÃO

O P. Jan Fecko (irmão do nosso P. André Fecko) é o Diretor do Centro de formação para a missão em Varsóvia, Polónia. Abraçou este desafio em 2013, depois de trabalhar 30 anos fora do seu país. Viveu 15 anos em África (Burkina Faso e Costa do Marfim), e 15 na Bélgica.

Revestindo-se este trabalho de forte importância para a missão, fomos ao seu encontro com alguma curiosidade. Segue o seu testemunho.

O Centro de formação missionária, a Obra de ajuda à missão ad gentes e Miva Polska formam um conjunto de departamentos que dependem da Comissão Episcopal das Missões, cujo Presidente é D. Jerzy Mazur.

O objetivo do Centro é preparar os candidatos para o serviço missionário. Entre os candidatos temos Padres diocesanos e de institutos religiosos, Irmãos, Irmãs e Leigos.

O Centro começou a funcionar em 1984. Até 2020, receberam formação neste espaço 1.064 missionários. O trabalho desenvolvido por estes missionários acontece em 99 países.



Para o âmbito da missiologia são convidados professores ou antigos missionários para dias especiais de trabalho.

As línguas ensinadas são de acordo com as necessidades, havendo normalmente ensino de inglês, espanhol, francês, português e russo. Os professores estão capacitados para as exigências do ensino. Além disso, são convidados especialistas para trabalhar a oralidade da língua. Em geral, estes chegam dos países onde se fala essa língua e normalmente não têm conhecimento da língua polaca.



O curso dura nove meses. Geralmente começa em setembro e termina em maio do ano seguinte.

A formação tem diversas vertentes: espiritual e missionária, para a vida comunitária, missiologia, medicina tropical, línguas.

A formação espiritual está confiada a dois diretores espirituais com experiência missionária. A vida no centro é marcada pela oração e eucaristia diária. Cada mês há um retiro.

As aulas de medicina tropical estão asseguradas pelos professores do Instituto de Doenças Tropicais de Poznan.

O Centro tem produzido bons frutos e laços de amizade entre os formandos e o próprio Centro. Muitos missionários continuam em contacto com o Centro. Cada ano organiza-se o encontro dos missionários que têm as suas férias na Polónia.

JAN FECKO

MISSAS PELOS BENFEITORES

Nos inícios de cada mês será celebrada uma Santa Missa pelas intenções dos benfeitores vivos e uma outra pela alma dos benfeitores falecidos.

MANEIRA DE COLABORAR COM A MISSÃO



Também você poderá ajudar os missionários, enviando pedidos de intenções de missas e trintários gregorianos. Desta maneira estará a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101
2495-412 Fátima
☎ 249 534 116
✉ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

PRIMEIRA ORDENAÇÃO SVD NA BIELORRÚSSIA

Cierguei Stiepan, natural de Irkusk, Sibéria, recebeu a ordenação presbiteral pelas mãos de D. António Dziemianko, bispo da diocese de Pinsk, Bielorrússia. A celebração foi a 18 de abril de 2020, em Baronowicze, na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Trata-se da primeira igreja com o nome de Nossa Senhora de Fátima no leste europeu.

Tal como Pedro e André, também Cierguei Stiepan sentiu o chamamento à beira do lago. Neste caso, foi nas margens do Lago Baikal, quando foi ali passear com um grupo de acólitos.

Devido à situação da pandemia, muitas pessoas não puderam participar, entre as quais o Superior daquela Região dos Missionários do Verbo Divino.

No entanto, graças à internet, o pai (em Irkusk) de Cierguei Stiepan pôde assistir à celebração.



DE MIGRANTE CLANDESTINO A BISPO

De acordo com a agência *Vatican News*, Arjan Dodaj, tal como tantos outros, chegou de maneira clandestina a Itália, depois de uma travessia marítima, em 1993. Deixara para trás a sua querida terra, onde tinha nascido e crescido no seio de uma família da Albânia comunista com todas as marcas na sua educação. Os motivos para tal decisão prendem-se com a procura de um futuro melhor. Em Itália foi abraçando diversos

trabalhos. É neste contexto que uns amigos o convidam para um encontro com um grupo de jovens acompanhados pelo P. Massimo. Sente-se acolhido e ali termina por descobrir a fé cristã, sendo que alguma coisa ainda lhe restava graças às canções que ouvia da sua avó. Vai percorrendo o seu caminho, sendo batizado mais tarde.



Decorridos dez anos da sua presença em Itália, foi ordenado Padre por S. João Paulo II, na basílica de S. Pedro. Em 2017 regressa à Albânia. Em 2020 é nomeado Bispo Auxiliar da diocese de Tirana-Durazzo pelo Papa Francisco.

Decorridos dez anos da sua presença em Itália, foi ordenado Padre por S. João Paulo II, na basílica de S. Pedro. Em 2017 regressa à Albânia. Em 2020 é nomeado Bispo Auxiliar da diocese de Tirana-Durazzo pelo Papa Francisco.

ASSINATURAS

O custo anual de *Contacto svd* é de 4,00€.

O último ano pago está indicado na folha de endereço.

Para fazer a transferência bancária

IBAN: PT500010 0000 0251971000178 (Seminário M Verbo Divino)

Para qualquer esclarecimento suplementar contactar o Secretariado

Missionário do Verbo Divino - Tel. 249 534 116 - Brigitte Martins

E-mail: proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

A Administração de *Contacto svd*

NOVAS ASSINATURAS

Porque queremos servir melhor a Missão...
Ajude-nos com o envio de **novas assinaturas.**

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ - _____

Data nascimento: ____ / ____ / ____ ☎

@ _____ (Assinatura 4,00€)

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101 * 2495-412 FÁTIMA
☎ 249 534 116 * ✉ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt
📄 PT50 0010 0000 0251 9710 0017 8

Autorizo o tratamento dos dados indicados para o fim a que se destinam e para a divulgação de publicações da Congregação do Verbo Divino.